



SOLIDARIEDADE OU RECONHECIMENTO? - PERSPECTIVAS DE RICHARD RORTY E AXEL HONNETH

Solidarity or Recognition? - Perspectives by Richard Rorty and Axel Honneth

Rahra Carvalho de Araújo¹

RESUMO

Este artigo se destina a investigar a concepção do termo solidariedade em Richard Rorty e Axel Honneth, buscando apresentar as possíveis semelhanças e divergências de perspectivas tendo como parâmetro o progresso social. Richard Rorty aponta a solidariedade como uma troca de relações práticas intersubjetivas, sem apego a tradição metafísica e a epistemologia. O autor nos propõe fugir de qualquer tentativa de fundamentalismos e buscas por verdades absolutas que venham guiar a noção de mundo dos indivíduos e fundamentar suas ações. Tal comportamento limitaria as relações práticas que ocorrem dentro de uma comunidade, atrapalhando o processo de resoluções dos problemas que estão nas práticas sociais, mas que são solapados por buscas de justificativas universalistas. Por outro lado, Axel Honneth defende a solidariedade como uma terceira esfera de reconhecimento, seria a esfera destinada a estima social, comportamento que cada sujeito deveria manifestar a outro indivíduo para haja relações intersubjetivas entre eles. Esta estima é construída levando em consideração a história e as lutas por mudanças sociais, ela é dada como uma esfera de reconhecimento recorrendo a princípios naturalmente humanos, tomando a racionalidade e valores intrinsecamente humanos. O objetivo desse artigo é verificar como cada autor articula suas reflexões sobre o tema.

Palavras-chaves: Richard Rorty, Axel Honneth, Solidariedade, Reconhecimento

ABSTRACT

This article aims to investigate the conception of the term solidarity in Richard Rorty and Axel

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia na Universidade Federal do Piauí – PPGFIL/CCHL

Honneth, seeking to present the possible similarities and divergences of perspectives using social progress as a parameter. Richard Rorty points out solidarity as an exchange of practical intersubjective relationships, without attachment to metaphysical tradition and epistemology. The author proposes us to flee from any attempt at fundamentalism and search for absolute truths that will guide the notion of the world of individuals and base their actions. Such behavior would limit the practical relationships that occur within a community, hindering the process of solving problems that are in social practices, but which are undermined by searches for Universalist justifications. On the other hand, Axel Honneth defends solidarity as a third sphere of recognition, it would be the sphere intended for social esteem, a behavior that each subject should manifest to another individual to have intersubjective relations between them. This esteem is built taking into account history and struggles for social changes, it is given as a sphere of recognition using naturalistic human principles, taking rationality and intrinsic human values. The purpose of this article is to verify how each author articulates his reflections on the theme.

Keywords: Richard Rorty, Axel Honneth, Solidarity, Recognition

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo investigar a concepção do termo solidariedade em Richard Rorty e Axel Honneth. Tomamos como fonte argumentativa principalmente as obras *Contingência, ironia e solidariedade* (2007), o artigo *Solidariedade ou objetividade?* (1993), ambos de Richard Rorty, e o livro *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais* (2003) de Axel Honneth. A partir dessas leituras apontaremos como cada autor entende a solidariedade e as possíveis aproximações entre as concepções dos autores.

Este artigo é dividido em três tópicos, o primeiro apresenta as defesas de Richard Rorty à postura pragmatista em relação a objetivista, a qual se destaca por não basear suas concepções de mundo e vida, na tradição metafísica, no fundamentalismo ou ainda em teorias universalistas. Para Rorty, a solidariedade seria o caminho a ser percorrido para alcançamos o progresso social.

O segundo tópico, trata da concepção honnethiana de solidariedade. Nesta argumentação apontaremos como a solidariedade se encontra como uma esfera de reconhecimento defendida por Honneth, ela seria responsável por promover a estima social, e assim contribuir na formação do sujeito no desenvolvimento da autoestima, sentimento de reconhecimento de particulares individuais por todos os outros membros da sociedade.

Em um terceiro momento deste artigo, discutimos como ambas concepções de solidariedade aproximam-se e distanciam-se a fim de promover justamente esse confronto de perspectiva entre os autores, apontamos dentro das possibilidades alguns pontos argumentativos que se assemelham, como a incorporação de grupos distintos de tradições ao âmbito de uma comunidade, e pontos que divergem como os motivos e a finalidades que cada autor pressupõe para a integração social.

SOLIDARIEDADE EM RICHARD RORTY

No artigo intitulado *Solidariedade ou objetividade?* Rorty explora o termo solidariedade como uma maneira dos indivíduos darem um sentido maior para suas vidas. Pois, a solidariedade seria uma forma do indivíduo contribuir para o bem da comunidade. Segundo Rorty, essa interação positiva poderia ser em uma comunidade real e próxima ou em uma sociedade imaginária. Ou seja, uma sociedade idealizada pelos indivíduos. Seria uma forma de participação social prática, uma vez que, as relações ocorrem diretamente entre indivíduos que compõem a comunidade, dado que os elementos que compõem tal relação estão na própria comunidade.

Uma outra maneira dos indivíduos darem um sentido maior para suas vidas é pela via da objetividade, que segundo Rorty se caracteriza por “descrever a si mesmos como encontrando-se em relação imediata com uma realidade não humana”. (RORTY,1993, p. 109). Dessa maneira o sujeito ao tentar colocar sua vida em um cenário maior, se distancia da história, do contexto nos quais estão inseridos, e tentam basear suas concepções de mundo em algo fora da comunidade, algo que transcende a esses elementos, como a busca por uma essência que elimine qualquer perspectiva contingente que ocorrem em uma dada comunidade.

Rorty faz uma descrição desse modo de negar as relações que ocorrem a partir da contingência, o autor retorna a Platão e destaca como havia uma tendência na tradição clássica a essa fuga do acaso. O autor ressalta que quando o discípulo de Sócrates argumenta “que o modo de transcender o ceticismo é conceber um objetivo comum para a humanidade — um objetivo estabelecido pela natureza humana e não pela cultura grega.” (RORTY, 1993, p.110). Nessa perspectiva, podemos depreender que, o processo de busca pela verdade e o conhecimento ao se deparar com a perspectiva ceticista, propõe como superação desse obstáculo, se basear a algo fora da contingência, pois a partir dela, o processo de dúvida sobre a verdade das coisas se fortalecia. Dessa forma, desse modo era necessário ter como horizonte algo fixo, imutável.

Dessa maneira, as bases da concepção realista já vêm sendo moldadas desde da tradição platônica, acreditar que há uma essência comum a todos os indivíduos que superaria as incertezas sobre a verdade das coisas, que não seriam superados por algo circunstancial como a cultura. Assim, essa tentativa de fugir das relações práticas, se apegando a princípios universais podem ser melhor explicitados seguir:

Nós somos os herdeiros desta tradição objetivista, que se centra em torno da suposição de que devemos nos afastar de nossa comunidade o suficiente para examiná-la à luz de algo que a transcende, a saber, aquilo que ela tem em comum com todas as outras comunidades humanas, reais e possíveis. Esta tradição sonha com uma comunidade última que terá transcendido a distinção entre o natural e o social, que exibirá uma solidariedade que não é provinciana porque é a expressão de uma natureza humana a-histórica. (RORTY,1993, p.110-111).

Para Rorty os realistas, são aqueles que desejam basear a solidariedade na objetividade, neste sentido o que guia a comunidade é a ideia da verdade como correspondência da realidade. Esta linha de pensamento está presa a uma perspectiva metafísica tradicional e epistemológica. Aqui a distinção entre opinião e conhecimento, entre realidade e aparência são tomados como fundamentais. Assim, o autor propõe que para os realistas, a verdade é encarada “como algo a ser buscado por si mesmo, não porque será bom para o próprio indivíduo ou para a comunidade real ou imaginária de alguém, é o tema central desta tradição.” (RORTY, 1993, P. 110). A busca por uma verdade absoluta, uma verdade que signifique as crenças como verdadeiras ou falsas movimenta as concepções de mundo dos sujeitos. Esse processo é tomado como algo natural que não pode ser justificado a depender da comunidade, do social. A justificação racional deve levar a natureza intrínseca das coisas, levar a verdade correspondente a ela, relação que para os realistas são próprios da natureza humana. Segundo Rorty,

Estes são os hábitos alimentados pelo Iluminismo e justificados em termos de um apelo à razão, concebida como uma habilidade humana transcultural de corresponder à realidade, uma faculdade cuja posse e uso são demonstrados pela obediência a critérios explícitos. (RORTY, 1993, p. 117).

Em contraposição às ideias sustentadas pelos objetivistas, Rorty nos insere na perspectiva dos pragmatistas, as quais apontam para a ideia de reduzir a objetividade à solidariedade. Nesse sentido, não há uma fixação em fundamentalismos, ou a busca por uma verdade absoluta. O que há são as relações entre os indivíduos, juntamente com seus problemas e possíveis soluções que se dão na própria relação. Dessa forma para os pragmatistas essa batalha travada desde antiguidade até os dias presentes de tentar fugir das limitações de uma dada comunidade, de tentar apontar um valor intrínseco e natural do ser humano é um dos problemas da concepção realista. Segundo Rorty (1991, p. 266), “uma vez que a distinção intrínseco e extrínseco desapareça, assim desaparece a distinção entre realidade e aparência, e assim desaparecem as preocupações sobre se há barreiras entre nós e o mundo”. A divergência de pensamento entre os pragmatistas e os realistas é grande dada a maneira como ambos avaliam o mundo. Segundo Rorty:

Eles vêem a lacuna entre verdade e justificação não como algo a ser transposto, isolando-se uma espécie de racionalidade natural e transcultural que pode ser usada para criticar algumas culturas e elogiar outras, mas simplesmente como a lacuna entre o bem real e o melhor possível. (RORTY, 1993, p.111)

Dessa maneira, os pragmatistas acreditam que a investigação filosófica deveria se empenhar em preencher a lacuna entre verdade e justificação com o que realmente levaria a uma vida e

realidade melhor, ou seja, seria insistir na identificação das consequências que determinadas ações trazem para o meio social em determinado contexto, qual bem está sendo mantido, se é o melhor bem a ser conservado e da melhor maneira possível. Essa perspectiva pode ser sustentada, pela forma que Rorty apresenta a ideia de racionalidade, que em resumo se define por não defender uma racionalidade humana superior a todas as outras formas de vida. A racionalidade para boa parte dos pragmatistas se expressa em duas ideias de racionalidade. Uma é apresentada como sendo uma diferença de grau entre os seres vivos, ou seja, seria a “habilidade de lidar com o meio ambiente e ajustar as próprias reações aos estímulos ambientais de modos complexos e delicados.” (RORTY, 2005a, p. 224). O outro sentido de racionalidade é tomado como sinônimo de tolerância. Dessa forma se caracteriza como “uma virtude de tornar indivíduos e comunidades capazes de coexistir pacificamente com outros indivíduos e comunidades, de viver e deixar viver, e estabelece novos modos de vida, sincréticos, comprometidos”. (RORTY, 2005a, p. 225). Dessa maneira, a partir dessas concepções de racionalidade que difere totalmente dos objetivistas, para Rorty, ficar preso a teorias da verdade e justificação é algo inútil na contemporaneidade. A procura por teorias universalistas foi útil e significativa em grande parte da história, mas nos dias atuais não seriam mais plausíveis, uma vez que essa busca se tornou ilusória, distantes das necessidades contemporâneas. Segundo aponta Rorty:

Para os pragmatistas o desejo de objetividade não é o desejo de escapar das limitações de sua comunidade, mas simplesmente o desejo de alcançar o maior acordo intersubjetivo possível, o desejo de estender a referência de "nós" tão longe quanto possamos. A distinção que os pragmatistas fazem entre conhecimento e opinião é simplesmente a distinção entre tópicos sobre os quais é relativamente fácil e tópicos sobre os quais é relativamente difícil obter tal concordância. (RORTY, 1993, p. 111).

Em relação a essa tentativa dos pragmatistas de almejam o maior acordo intersubjetivo possível, para ampliar o espaço de relações, podemos mencionar o pensamento de Rorty acerca da justiça como lealdade maior, para o autor, a justiça seria uma questão de lealdade a um grupo. Há grupos sociais que estabelecemos mais laços que outros, por exemplo, “sabemos mais sobre nossa família do que nossa aldeia, mais sobre nossa aldeia do que sobre a nação que pertencemos[...]”. (RORTY, 2009, p. 87). Segundo Rorty, quanto mais próximas forem nossas relações, melhores condições teríamos para “decidir quais diferenças entre os indivíduos são moralmente relevantes [...]”, e quanto mais distantes, mais difícil seria descrevê-los. Assim, alcançar um acordo intersubjetivo se dará a partir de sentimentos que perpassam as relações na perspectiva da solidariedade, esse sentimento seria a negação da dor e da humilhação, a partir dessa perspectiva teremos a incorporação de membros na referência de “nós”.

Os pragmatistas assumem que “nada há para dizer sobre verdade ou racionalidade além das

descrições de procedimentos familiares de justificação que uma dada sociedade — nossa — usa em uma ou outra área de investigação.” (RORTY, 1993, p.112). Dessa forma o que nós possuímos é o poder de contar e recontar nossas histórias, nossa habilidade de redescrever o que já não é útil para dada sociedade, a fim de alcançar novos fins. Esse processo se torna indispensável uma vez que os pragmatistas, não defendem uma teoria da verdade, então não há uma essência a ser encontrada das coisas. Segundo Rorty (1993), “como um partidário da solidariedade, sua explicação do valor da investigação humana cooperativa tem apenas uma base ética, não uma base epistemológica ou metafísica.” (p.112). Nesse sentido:

Se alguma vez pudéssemos ser movidos apenas pelo desejo de solidariedade, deixando de lado completamente o desejo de objetividade, então poderíamos pensar o progresso humano como tornando possível aos seres humanos fazer coisas mais interessantes e ser pessoas mais interessantes, não como levando em direção a um lugar que de algum modo foi preparado de antemão para a humanidade. (RORTY, 1993, p.116).

Com isso, o progresso humano e conseqüentemente o social é pensado a partir da solidariedade, como um processo de redescrição de crenças, a fim de tornar as pessoas mais interessantes, ampliar suas potencialidades, no lugar de tentar encontrar algo já pronto e acabado, pois tal comportamento, tende a apresentar infelicidades e limitar as capacidades humanas. Todo esse modo de pensar é defendido por Rorty como uma maneira de modificação de perspectiva, “já que agora a questão não é sobre como definir palavras como "verdade" ou "racionalidade" ou "conhecimento" ou "filosofia", mas sobre que auto-imagem nossa sociedade deveria ter de si mesma. (RORTY, 1993, P.117). Será que desejaríamos uma sociedade pobre, com pessoas incapazes, presas há trajetórias determinantes, sem possibilidade de alterações? Apenas uma sociedade que incorpora novas práticas, e apresenta novas ressignificações pode controlar a si mesma.

Segundo Rorty, estamos em uma sociedade que é possível alterá-la, uma vez que abandonemos esses postulados metafísicos e epistemológicos que a tradição ocidental tenta sustentar, e aceitarmos que as comunidades se formam a partir do acaso. Para Rorty, os discursos metafísicos-epistemológicos:

[...] se tornou um estratagema tão transparente como a postulação de divindades que, por uma feliz coincidência, nos escolheram como seu povo. Assim, a sugestão pragmatista de que nós "simplesmente" substituamos fundamento ético por nosso senso de comunidade — ou melhor, que pensemos nosso senso de comunidade como não tendo fundamento exceto esperança compartilhada e confiança criada por este compartilhar — é colocada em bases práticas. (RORTY, 1993, p.121).

Nesse sentido, o senso de comunidade se projeta como essa esperança compartilhada de desenvolvermos uma vida melhor, a partir da diminuição do sofrimento e pela ampliação da liberdade. Foi através dessa guinada de substituir a busca da verdade pela a liberdade que podemos assumir as novas formas e contornos que se desenvolvem em nossas vidas. Podemos dar continuidade a novas formas de pensamento e contribuir para o progresso social.

SOLIDARIEDADE EM AXEL HONNETH

Axel Honneth na sua obra *Luta Por Reconhecimento* originalmente publicada em 1992, nos apresenta uma atualização do pensamento do jovem Hegel juntamente com a perspectiva do pragmatista George Herbert Mead. Honneth se baseou na psicologia de Mead para atualizar a concepção de reconhecimento de Hegel. Essa união se torna plausível dado à similaridade entre os pensadores a respeito do consideram como elemento de modificação social. Segundo Honneth (2009, p.155). “Seu propósito é esclarecer os processos de mudança social reportando-se às pretensões normativas estruturalmente inscritas na relação de reconhecimento recíproco”.

Ambos os autores, Hegel e Mead partem do pressuposto que mudanças sociais são possíveis e bem-sucedidas quando tomadas como base normativa a categoria do reconhecimento recíproco. Nesse sentido, Honneth nos introduz na perspectiva do significaria reconhecimento:

[...] aquele passo cognitivo que uma consciência já construída “idealmente” em totalidade efetua no momento em que ela “se reconhece como a si mesma em uma outra totalidade, em uma outra consciência”; e há de ocorrer um conflito ou uma luta nessas experiências de reconhecer-se-no-outro, porque só através da violação recíproca de suas pretensões subjetivas os indivíduos podem adquirir um saber sobre o outro também se reconhecer neles como uma totalidade. (HONNETH, 2009, p. 63).

Nesse sentido, o reconhecimento opera com a necessidade de uma interação intersubjetiva, um processo de encontro de individualidades que só se percebem diferentes quando estão em relação um com o outro. Dessa forma esse reconhecimento deve ser recíproco dado que o indivíduo somente se verá como ser social, se ele for reconhecido pelos outros indivíduos. Assim, a formação da vida em sociedade se dá através do imperativo de reconhecimento recíproco, dado que os indivíduos para chegarem a autorrelação prática é indispensável a compreensão de que o outro é seu parceiro de interação e ao mesmo tempo ser receptor dessas ações na sociedade.

De acordo com as ideias apresentadas por de Axel Honneth, a inserção do sujeito na sociedade se dá na luta por reconhecimento. As mudanças sociais ocorrem devido ao processo de lutas constantes. Assim, segundo o autor;

São as lutas sociais moralmente motivadas de grupos sociais, sua tentativa coletiva de estabelecer institucional e culturalmente formas ampliadas de reconhecimento recíproco, aquilo por meio do qual vem a se realizar a transformação normativamente gerida das sociedades. (HONNETH, 2009, p. 156).

É por meio dessas lutas de grupos sociais por reconhecimento, que tanto Hegel quanto Mead, as defendem como uma “força estruturante na evolução moral da sociedade”. (HONNETH, 2009, p. 156). Axel Honneth se apropria dessas concepções de lutas sociais por reconhecimento e desenvolve sua filosofia, com a sua atualização de Hegel, ele ressignifica suas categorias de reconhecimento trazendo para a contemporaneidade. Para Honneth há três esferas de reconhecimento que são responsáveis por promover a incorporação dos indivíduos e grupos sociais na sociedade. Essas esferas são encontradas nas relações íntimas (amor), nas relações jurídicas (princípio da igualdade – lei) e nas relações de solidariedade (estima social). Cada uma dessas esferas é responsável por desenvolver aspectos constituintes dos indivíduos, a esfera do amor desenvolve a autoconfiança, a esfera do direito desenvolve o auto respeito e a solidariedade gera a auto estima. Quando falta reconhecimento em uma ou mais de uma dessas esferas, ocorrem as lutas sociais por reconhecimento.

A partir desse panorama, podemos adentrar na ideia de Axel Honneth sobre solidariedade. O autor tem tal termo, como uma esfera de reconhecimento da sociedade, “os seres humanos precisam ainda, além de experiência da dedicação afetiva e do reconhecimento jurídico, de uma estima social que lhes permitam referir-se positivamente a suas capacidades concretas.” (HONNETH, 2009, p. 198). Com isso os indivíduos procuram além de serem amados e respeitados, que suas características particulares sejam reconhecidas e estimadas. Segundo Salvadori, podemos entender solidariedade como sendo:

[...] última esfera de reconhecimento, remete à aceitação recíproca das qualidades individuais, julgadas a partir dos valores existentes na comunidade. Por meio dessa esfera, gera-se a autoestima, ou seja, uma confiança nas realizações pessoais e na posse de capacidades reconhecidas pelos membros da comunidade. (SALVADORI, 2011, p. 1991).

Esta terceira esfera, a solidariedade é destinada a promover relações intersubjetivas entre indivíduos a fim que ambos tenham suas especificidades dentro da sociedade valorizadas e estimadas. A estima social é apontada por Honneth a partir da mudança histórica, da transição das sociedades tradicionais para modernas, houve uma transformação dos conceitos de honra às categorias da reputação ou prestígio social. O que antes era definido dentro de uma conduta própria a estamentos, passa então a ocupar outros segmentos sociais e passam a “aprender a medida de

estima que o indivíduo goza socialmente quanto a suas realizações e suas capacidades individuais” (HONNETH, 2013, p. 206). Somente quando houvesse tal reconhecimento o sujeito poderia se autorrealizar plenamente na comunidade, uma vez que segundo Bressiani,

Ressaltando a importância da estima social para autorrealização, Honneth afirma que os indivíduos modernos dependem também de um reconhecimento social positivo da vida que escolheram como boa e das contribuições que fazem a sociedade. De acordo com ele, é apenas ao serem reconhecidas socialmente em suas particularidades que as pessoas se veem como valorosas e conseguem desenvolver um sentimento de autoestima, sem o qual dificilmente poderiam seguir suas vidas tal como determinaram. (BRESSIANI, 2013, p. 271).

A estima social, desenvolvida através das capacidades e propriedades dos indivíduos pertencentes a uma prática social comum, é um modo de reconhecimento recíproco defendido por Honneth como a esfera da solidariedade. Tal processo, por meio de uma relação bem-sucedida desemborcaria na auto relação prática, que por sua vez é responsável pela autoestima nas relações sociais que os sujeitos participam. Tais relações são consideradas solidárias “porque elas não despertam somente a tolerância para com a particularidade individual da outra pessoa, mas também o interesse afetivo por essa particularidade” (HONNETH, 2009, p. 210-211). Dessa forma esta esfera de reconhecimento objetiva que todos os indivíduos tenham a oportunidade de “experienciar a si mesmo, em suas próprias realizações e capacidades, como valioso para a sociedade.” (HONNETH, 2009, p. 211). E assim, viver em um ambiente saudável que esteja de acordo com os seus próprios interesses sociais, econômicos e morais.

SEMELHANÇAS E DIVERGÊNCIAS DE PERSPECTIVAS DE RICHARD RORTY E AXEL HONNETH ACERCA DO TERMO SOLIDARIEDADE

No livro intitulado *Contingência, ironia e solidariedade* (2007) Richard Rorty nos apresenta a ideia do sentimento de solidariedade como a “intensidade máxima quando aqueles com quem nos solidarizamos são vistos como “um de nós”, expressão em que “nós” significa algo menor e mais local do que raça humana” (RORTY, 2007, p. 341-315). A partir dessa característica, Rorty nos leva a pressupor que quando integramos um indivíduo de uma outra comunidade em nossa comunidade, estaremos experienciando o sentimento de solidariedade. Entretanto, essa solidariedade seria estabelecida pelo sentimento comum entre os indivíduos, o processo de acolher ou mesmo de entender o outro se daria em uma esfera sensível, não simplesmente pelo fato de o indivíduo pertencer a raça humana, a perspectiva de ligar os indivíduos por uma questão de raça se torna muito distante para estabelecer ligações palpáveis.

Por meio desse pensamento sobre o sentimento de solidariedade de uma forma mais próxima, podemos relacionar com a ideia de solidariedade de Axel Honneth. Ambos os autores

pressupõem que a solidariedade está relacionada a grupos sociais. Porém os autores divergem, uma vez que Honneth, tem como objetivo que em uma dada sociedade todos os indivíduos venham a ser solidários uns com os outros, entre indivíduos, entre grupos. Todos devem se estimar simetricamente. Honneth pressupõe um reconhecimento de todos os membros que compõem a sociedade.

Já Rorty (2007, p. 316) aponta que a solidariedade é uma “questão das semelhanças e dessemelhanças que nos impactam como salientes, e que essa saliência é função de um vocabulário final historicamente contingente”. Neste sentido, se conseguimos diferenciar entre sentimentos que são comuns a um indivíduo ou a um grupo ou que são diferentes a ambos, esse mecanismo ocorre porque um vocabulário comum, historicamente ocasional, nos encaminha a compreensão desses sentimentos mais notáveis que compartilhamos com outros sujeitos. Dessa forma, na concepção de Rorty é por meio da solidariedade que poderíamos alcançar o progresso moral. Uma vez que, fortalecíamos nas nossas práticas sociais questões relevantes que interferem diretamente nas nossas vidas. Mas o autor ressalta que essa solidariedade “não é vista como reconhecimento de um eu nuclear- essência humana- em todos os seres humanos.” (RORTY, 2007, p. 316). O que temos como tal sentimento seria:

[...] a capacidade de considerar sem importância um número cada vez maior de diferenças tradicionais (de tribo, religião, raça, costumes etc.), quando comparadas às semelhanças concernentes à dor e à humilhação – a capacidade de pensar em pessoas extremamente diferentes de nós como incluídas na gama de “nós”. (RORTY, 2007, p. 316).

Com base na perspectiva de integração de pessoas extremamente diferentes de nós, é importante ressaltar que essa consideração não se dá por uma ideia de “natureza humana supostamente a-histórica, provavelmente não existe tal natureza ou, pelo menos, não existe nada de relevante para nossas escolhas morais nessa natureza” (RORTY, 2005b, p. 206). Segundo Rorty, essa agregação se dá pela manipulação dos sentimentos e educação sentimental, por meio desse processo a expansão de grupos distintos. Ainda em relação a essa característica de incluir pessoas diferentes dentro do âmbito da solidariedade tendo como referência as semelhanças comuns de dor e humilhação sofridas por um grupo ou indivíduos, podemos fazer uma pequena aproximação ao pensamento de solidariedade de Axel Honneth. Suas formas de reconhecimento, tenta ampliar as barreiras que limitam a interação intersubjetiva dos indivíduos. Seria “uma espécie de relação interativa em que os sujeitos tomam interesse reciprocamente por seus modos distintos de vida, já que eles se estimam entre si de maneira simétrica. (HONNETH, 2009, p. 209). Tal processo promoveria uma entrada cada vez maior de grupos diversos, se relacionando reciprocamente, de maneira tal que o desrespeito e humilhação fossem evitados. Mas os pensamentos divergem tanto ao motivo que leva a solidariedade quanto ao fim que ambos os autores desejam. Na perspectiva

rortyana a solidariedade ocorre porque os indivíduos encontram similaridade em evitar a dor e a humilhação, são esses sentimentos comuns que uni uma grande quantidade de indivíduos completamente distintos a se relacionarem, por conta de tal comportamento as culturas ocidentais foram capazes de criarem instituições políticas com pretensões cosmopolitas e democráticas. Em contrapartida Honneth, aponta a solidariedade como uma esfera necessária de reconhecimento indispensável na formação e bom desenvolvimento do indivíduo dentro da sociedade. A solidariedade ocorre quando as características específicas de cada sujeito são reconhecidas socialmente. Neste caso sua finalidade seria promover a autoestima nas relações entre indivíduos semelhantes e divergentes.

Ainda, acreditamos que as concepções significativamente divergentes de solidariedade se dão, segundo como cada autor entende o papel do indivíduo na sociedade. Dessa forma, a ideia do sujeito honnetiano no seu processo de formação individual passa pelas três esferas de reconhecimento, e neste aspecto a solidariedade seria o terceiro elemento que faltaria para o desenvolvimento pleno dos sujeitos. Um indivíduo formado pelas esferas de reconhecimento, necessita das esferas do amor, do direito e da solidariedade para poder apresentar as características da autoconfiança, autorrespeito e a autoestima, só após, teremos sujeitos capazes de relacionar-se plenamente na sociedade. Esse sujeito quando alguma de suas esferas são solapadas, sofre algum desrespeito ou humilhação o indivíduo lutaria por reconhecimento de tal esfera. Nesse sentido quando grupos identitários gritam por reconhecimento de suas identidades particulares, estão pedindo que sejam estimados pelo o que eles representam socialmente, eles esperam que as particularidades sejam vistas e respeitadas por todos os outros indivíduos ou grupos sociais que compõe tal sociedade. O não reconhecimento de tais particularidades levaria aos envolvidos a degradação e a ofensa, formas de desrespeito que minam a esfera da solidariedade. Por outro lado, Richard Rorty, nos apresenta a figura do ironista liberal como sendo uma personalidade contemporânea que ver as relações humanas a partir de uma abordagem historicista, contingente e direcionam suas concepções de vida em algo fora do tempo e do acaso. Para Rorty o ironista liberal são: “[...] pessoas que incluem entre esses desejos, impossíveis de fundamentar, sua própria esperança de que o sofrimento diminua, de que a humilhação dos seres humanos por outros seres humanos possa cessar” (RORTY, 2007, p.18)

Para os ironistas liberais, não há nada além do acaso, da sorte e da liberdade que possa determinar o significado da vida humana e de seu desenvolvimento social. Esses elementos fogem do espectro dos outros tipos de intelectuais dado ao seu forte fundamentalismo religioso ou ao racionalismo iluminista. Rorty aponta que há acusações de que o ironismo tem aversão a solidariedade, e explica que essas acusações são levantadas porque o ponto que ambos tratam são diferentes, para ele a solidariedade não é encarada como um princípio comum a todos os indivíduos, mas como “um objetivo a ser alcançado... pela imaginação, pela capacidade imaginativa de ver

peças estranhas como semelhantes sofredoras.” (2007, p.20). Nesse sentido, Rorty defende a solidariedade como uma criação desenvolvida a partir do crescimento da nossa sensibilidade aos aspectos particulares da dor e da humilhação de outros indivíduos. Assim, o ironista liberal nega a solidariedade como um processo de descoberta por meio da reflexão e defende ela como um processo de criação a partir da contingência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um primeiro momento de argumentação deste artigo, apresentamos a construção do pensamento de Richard Rorty, acerca do termo da solidariedade no debate traçado entre os pragmatistas e os objetivistas. Apontamos a defesa de Rorty em relação a solidariedade, negando que na conjectura da contemporaneidade defender princípios universalistas, teorias da verdade ou se manter presos a tradição metafísica seria minar as possibilidades de desenvolvermos a solidariedade, que para o autor é vista como uma rede descrições e redescrições de um vocabulário comum, que conectam os sentimentos de dor e humilhação que os indivíduos ou grupos tenderiam a evitar. O objetivo de Rorty seria direcionar a solidariedade para os próprios indivíduos que compõem uma comunidade, apenas nas práticas sociais experienciadas e desenvolvidas em um dado contexto poderiam contribuir para uma rede de crenças e desejos dos sujeitos.

Em um segundo momento apresentamos a concepção de Axel Honneth sobre a ideia de solidariedade. Para o filósofo, tal termo é tomado como uma esfera de reconhecimento que constitui a formação individual do sujeito, responsável pelo desenvolvimento da autoestima nas relações intersubjetivas que ocorrem em uma comunidade. Para Honneth as particularidades de uma pessoa precisariam ser estimadas, digo valorizadas e respeitadas para o fortalecimento do sentimento de autorrealização e assim promover a integração cada vez maior de autorrelação práticas em uma dada sociedade. Nesse sentido, há progresso social quando essa e as outras duas esferas de reconhecimento são respeitadas, e grupos cada vez maiores de pessoas diferentes entre si, são incorporadas na sociedade, por meio de relações recíprocas de reconhecimento as quais a autoconfiança, o autorrespeito e autoestima estejam permeados por essas relações intersubjetivas.

Como forma de apresentar um possível diálogo entre os pensadores, nos dedicamos a mostrar algumas aproximações de pensamentos acerca do termo da solidariedade. Vimos que Axel Honneth tentar atualizar o pensamento hegeliano de reconhecimento tomando como base teórica os pensamentos do pragmatista George Herbert Mead, o autor apresenta uma perspectiva voltada às práticas sociais, acredita que os indivíduos envolvidos por um contexto e por uma história podem lutar para modificar tal comunidade. Porém, acreditamos na argumentação de Axel Honneth, mesmo tendo uma relação direta com as práticas sociais, pressupõe anteriormente três esferas de reconhecimento que de alguma forma seriam comuns a todos os indivíduos, como uma espécie de

natureza humana intrínseca aos sujeitos. Essa postura, colocaria Honneth, ora próximo a uma perspectiva pragmatista, ora com uma perspectiva objetivista. Dado que apesar de ele pressupor uma mudança social a partir da superação dos problemas existentes em um dado contexto, ele recorre ao um processo de formação do ser humano para estabelecer os parâmetros para mudança social. Dessa forma, o reconhecimento deve estar nas práticas sociais, mas ao mesmo tempo, anteriormente está na constituição do indivíduo, como uma essência, que é transposta nas relações intersubjetivas.

A perspectiva de progresso social em Rorty, é divergente da concepção apresentada por Honneth. Para Rorty, é a partir dos sentimentos de semelhanças e dessemelhanças que possibilitam o sentimento de solidariedade. Segundo Rorty, é evitando a dor e a humilhação que conseguimos enxergar as particularidades dos outros e englobar no que o autor chama de “nós”. Nesse sentido, o que guiaria nossa rede crenças e desejos seria esse sentimento de solidariedade, ele é responsável pelo progresso moral e social, que possibilita a descrição das coisas, as redescrições e dessa forma por meio da contingência, nos adaptarmos a novos contextos, da melhor maneira para estabelecer relações seguras e desejáveis.

Em resumo, em ambos os autores, a solidariedade opera para o progresso social, entretanto com abordagens diferentes. Enquanto Honneth, parte do pressuposto de que para vivermos em uma sociedade saudável é necessário um processo de luta e conscientização dos direitos e interesses individuais, Rorty tem esse progresso na nossa capacidade de nos adaptarmos aos contextos contingentes da melhor maneira possível, tendo como parâmetros os sentimentos que queremos cultivar e os que queremos nos distanciar, e dessa forma estarmos mais próximos de uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS

BRESSIANI, Nathalie. Luta por reconhecimento e diagnóstico das patologias sociais: dois momentos da teoria crítica de Axel Honneth. In: MELO, Rúrion. **A teoria crítica de Axel Honneth: reconhecimento, liberdade e justiça**. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2009.

RORTY, Richard. Pragmatismo. In: CARRILHO, M. M. (org.). **Dicionário do Pensamento Contemporâneo**. Lisboa: Dom Quixote, 1991. p. 265-277.

RORTY, Richard. Racionalidade e diferença cultural. In: **Verdade e progresso**. Trad. Denise R. Sales. Barueri, SP: Manole, 2005a. p. 224-244.

RORTY, Richard. Direitos humanos, racionalidade e sentimentalismo. In: **Verdade e progresso**. Trad. Denise R. Sales. Barueri, SP: Manole, 2005b. p.199-223.

RORTY, Richard. A justiça como uma lealdade maior. In: **Filosofia como política cultural**. Tradução de João Carlos Pijnappel. São Paulo: Martins Fontes, 2009.p. 81-103.

RORTY, Richard. **Contingência, ironia e solidariedade**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo:

Martins Fontes, 2007.

RORTY, Richard. Solidariedade ou objetividade? ” **Novos Estudos Cebrap**, n.36, p.109-121, jul.1993.

SALVADORI, M. Resenha: Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais, de Axel Honneth. **Conjectura: Filosofia e Educação (UCS)**, Caxias do Sul, p. 189 - 192, 15 jan. 2011.